

CONTENÇÃO QUÍMICA EM ANIMAIS SILVESTRES

REVISÃO DE LITERATURA

Autores

BERTOZZO, Danilo

FREITAS, Rogério Ernandes

REIS, Felipe

REIS, Rodrigo

SANTOS, Diogo Simon

SOUZA, Wagner Amaral

Discentes da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia de Garça – FAMED

PEREIRA, Rose Elisabeth Peres

Docente da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia de Garça – FAMED

RESUMO

A fauna silvestre constitui grande desafio para a classe veterinária, sendo a contenção química parte do fundamental para o desenrolar dos procedimentos de pesquisas e da clínica veterinária, dentre outros. O Médico Veterinário necessita ter o animal à mão, mas, para tanto, precisa ter conhecimento de certos conceitos etológicos, principalmente aqueles relacionados com a interação com o animal. A distância crítica é de extrema importância para se efetuar a contenção, pois é aquela que o animal mantém com o seu inimigo antes de apresentar comportamento agonístico. Se ela for ultrapassada o animal ataca ou foge.

Palavras chaves: contenção química, animais silvestres

Tema central: Medicina Veterinária.

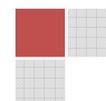
ABSTRACT

The wild fauna constitutes great challenge for the classroom veterinary medicine, being the chemical containment part of the basic one to uncurl it of the procedures of research and the clinical veterinary medicine, amongst others. The Veterinarian Medical needs to have the animal by hand, but, for in such a way, he needs to have knowledge of certain etiologic concepts, mainly those related with the interaction with the animal. In the distance critical it is of extreme importance to effect the containment, therefore she is that one that the animal keeps with its enemy before presenting behavior. If it will be exceeded the animal attacks or runs away.

Palavras chaves: chemical containment, wild animals.

1. INTRODUÇÃO

Contenção química refere-se ao estado induzido por medicamento, que produz modificação favorável do comportamento, sedação, analgesia, ou



relaxamento muscular. Não existem atualmente medicamentos de contenção química que possam produzir o grau ideal de cada uma destas propriedades em todos os animais.

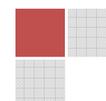
O Médico Veterinário necessita ter o animal à mão, mas, para tanto, precisa ter conhecimento de certos conceitos etológicos, principalmente aqueles relacionados com a interação com o animal. A distância crítica é de extrema importância para se efetuar a contenção, pois é aquela que o animal mantém com o seu inimigo antes de apresentar comportamento agonístico. Se ela for ultrapassada o animal ataca ou foge. O Médico Veterinário, almejando efetuar imobilização através de equipamento propulsor de medicamentos, deverá manter distância suficiente para que não seja atingido o ponto de fuga do animal, o qual é variável nas espécies.

O estresse é outro fator a ser considerado, sendo definido como o conjunto de reações do organismo frente a agressões de ordem física, psíquica, infecciosa etc., capaz de perturbar a homeostase. Quando o animal se sente ameaçado, todo seu organismo entra em alerta na tentativa de se defender da agressão instalada.

2. CONTEÚDO

A contenção química ou farmacológica em animais silvestres é empregada para captura, transporte e tratamento. Com o objetivo de minimizar os riscos do manuseio tanto para animais quanto para o técnico, a administração pode ser realizada com equipamentos apropriados confeccionados de maneira a liberar seringas contendo a substância ativa (SPINOSA et al., 1999).

A pistola e a carabina possuem seringas metálicas de diferentes calibres, salientando-se que quanto menor o volume do medicamento, mais rápido a absorção e ação, e menor o grau da lesão sobre o tecido muscular. Ao passo que a zarabatana utiliza-se seringa plástica de 3ml, que é colocada dentro de um tubo de calibre semelhante ao da seringa e de comprimento ao redor de 1m,



sendo impulsionada através de forte sopro do operador (KILPATRICK et al., 1999).

A quetamina promove efeito cataléptico, analgésico e anestésico, mas sem propriedades hipnóticas em mamíferos silvestres. Durante a indução podem ocorrer movimentos musculares involuntários, hipertonicidade e movimentos tônicos-clônicos dos membros, observados com frequência em leões e outros grandes felinos, além da ocorrência de momentos de apnéia nestes animais. Em primatas e felinos observa-se, em geral, sialorréia, pálpebras abertas e o reflexo laringo-faríngeo ativo (MASSONE, 2003).

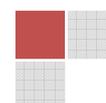
A quetamina permite o uso associado com outros agentes, facilitando a contenção nos casos e nas espécies em que não promove todos os efeitos desejados, se administrada isoladamente (KILPATRICK et al., 1999).

A xilazina é um antagonista de α_2 -adrenoceptores, adquiriu popularidade como pré-medicação anestésica, atuando em ampla gama de espécies domésticas e silvestres, podendo ser administrada por via intramuscular ou intravenosa (CUBAS, 2002).

A xilazina tornou-se medicamento de eleição pela facilidade de administração intramuscular e também por permitir o uso associado com outros agentes. Tem boa ação em herbívoros como camelo, dromedário, cervo, veado, bisão, girafa, antílope e zebra, além de exercer atividade regular em felinos como leão, onça e jaguatirica, e canídeos como lobo-guará, raposa e outros do mesmo grupo (SPINOSA et al., 1999).

Tem-se dado preferência à associação xilazila-quetamina devido à abolição do efeito depressor profundo provocado pela xilazina, bem como a abolição da catatonia que a quetamina produz. O efeito sedativo e anestésico é alcançado quando esses medicamentos são aplicados em associação, ao passo que, se administrados isoladamente, o efeito é de menor intensidade (ANDRADE, 2002).

Uma das áreas mais controversas da prática da medicina veterinária em aves é a contenção química o uso de anestésicos é indicado em situações em



que seja necessária imobilização ou analgesia, entretanto, é fundamental efetuar a avaliação previa das condições da ave, investigando a tolerância do paciente (MASSONE, 2003).

O cloridrato de quetamina é o mais freqüente agente empregado por via parenteral em aves, apresentando efeitos sinérgicos quando em combinação com tranqüilizantes. Mais recentemente tem sido introduzido o uso da associação tiletamina- zolazepam (SPINOSA et al., 1999).

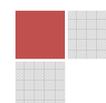
Para a captura de aves em vida livre, com a finalidade de translocação, tratamento ou outro, recomenda-se utilização de iscas que variam conforme predileção de cada espécie, podendo ser de farinha de milho, pão, banana amassada, etc. a combinação de alfa-cloralose e diazepam tem sido relatada como bastante efetiva e segura (KILPATRICK et al., 1999).

Os répteis são animais que não possuem mecanismos interno para controle da sua temperatura corpórea, estando esta na dependência da temperatura ambiente (ANDRADE, 2002).

Em serpentes, principalmente as peçonhentas, recomenda-se submetê-las a ação do gás carbônico com a finalidade de imobilização. Métodos não químicos foram um dos primeiros métodos usados em contenção cirúrgica em répteis e até hoje vários autores a recomendam como meio de induzir à anestesia cirúrgica, colocando o réptil, mas comumente os quelônios, num recipiente com gelo e água, alcançando-se temperatura corporal de 4-5 °C em pouco tempo (CUBAS, 2002).

A quetamina e tiletamina, em combinação com zolazepam, tem sido os agentes de eleição, principalmente pela administração intramuscular e larga margem de segurança, entretanto, as doses são elevadas (SPINOSA et al., 1999).

A tiletamina tem efeito similar a quetamina-diazepam, levando ao relaxamento mais acentuado e de melhor qualidade do que a quetamina isoladamente. O retorno ocorre após uma hora para via intramuscular e 40



minutos para via intravenosa a xilazina tem sido usada com frequência em contenção e anestesia em répteis (KILPATRICK et al., 1999).

Os principais agentes de anestesia inalatória são metoxiflurano, halotano, isoflurano, isofurano e ácido nitroso. Para usá-los é necessário equipamento apropriado, tornando-se um impedimento devido ao alto custo dos aparelhos (CUBAS, 2002).

3. CONCLUSÃO

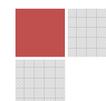
Os animais silvestres são amplamente protegidos por leis, mas o número de criadores ou interessados na criação e preservação destes animais ainda é muito diminuto, devido ao baixo retorno financeiro desta atividade, além da exigência de investimentos e cuidados específicos regulamentados por leis federais. Atualmente a indústria farmacêutica e pesquisadores não têm desenvolvido muitos estudos para animais silvestres; sendo utilizados para esses animais, os fármacos indicados para animais de companhia e de produção. Nesta revisão foram citados os principais e mais eficazes, os quais são empregados tanto como tranquilizantes usuais de diferentes níveis indutores e diversos fins, até anestésicos dissociativos ou, em geral, utilizados em cirurgias simples ou mais complexas para os animais silvestres.

4.REFERÊNCIAS

ANDRADE, S.F. **Manual de Terapêutica Veterinária**. 2ª ed. São Paulo, Roca, 2002, p. 697.

CUBAS, Z.S. ANDRADE, S.F. **Manual de Terapêutica Veterinária**, Cap. Terapêutica dos Animais Silvestres. 2ª ed. São Paulo, Roca, 2002, 569 p.

MASSONE, F.; **Anestesiologia Veterinária farmacologia e Técnicas**. 4ª ed, São João da Boa Vista-SP, Guanabara Koogan, 2003, 326 p.



SPINOSA, H.S; GORNIAC, S.L; BERNARDI, M.M. **Farmacologia aplicada a medicina veterinária**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999, 165-178p.

KILPATRICK, H.J.; SPOHR, S.M. Tiletamina-xylazine versus ketamine-xylazine: a field evaluation for immobilizing white-tailed deer. *Wildlife Society Bulletin*, v.27. n.3, p.566-570, 1999.

